

ESTUDO ARQUITETÔNICO PARA UM CENTRO DE TREINAMENTO DE CÃES-GUIA

Anatielei Baioco Rocha

Erli Raquel Zortea Andretta

Anderson Saccol Ferreira

Resumo

O trabalho aborda a elaboração de um anteprojeto arquitetônico a fim de conscientizar a população quanto à importância de um Centro de Treinamento para cães-guias, como fator de desenvolvimento para a formação de cães, instrutores e treinadores. Implantado no município de Chapecó (SC), o mesmo servirá de referência para todo o estado buscando sanar sua atual deficiência referente a este setor, considerando a extensa fila de espera pelo animal. Um projeto com essa estrutura tem por objetivo promover por meio dos cães-guia a integração social, cultural e profissional, de pessoas com deficiência visual por meio do projeto de arquitetura. Como procedimentos metodológicos foi realizado um estudo histórico sobre cães, suas origens e toda a sua classificação até a sua domesticação, além de um estudo de caso e da área onde o empreendimento será locado, baseando-se ainda em um programa de necessidades, pré-dimensionamentos, estudos de setorização e conceituação do projeto. O resultado foi à elaboração de um partido que possa acomodar as funções exigidas de forma organizacional, contando com toda infraestrutura necessária, proporcionando deste modo benefícios não apenas para a comunidade local, mas sim para toda a região.

Palavras-chave: Centro de treinamento. Cão-guia. Instrutores. Treinadores.

1 INTRODUÇÃO

O artigo buscou a elaboração anteprojeto de um Centro de Treinamento de Cães - Guia para a cidade de Chapecó (SC).

O objetivo apresentando consiste em promover através do treinamento dos cães-guia a integração social, cultural e profissional por meio do projeto de arquitetura. Este empreendimento atenderá toda a região do Oeste de Santa Catarina, proporcionando ao deficiente visual uma nova liberdade, capaz de facilitar a locomoção e mobilidade, de forma a proporcionar sua plena inserção na sociedade que á muito tempo o excluí.

Buscou-se entender a importância do cão-guia nos dias de hoje, durante muito tempo as pessoas com algum tipo de deficiência eram consideradas anormais dentro dos padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade, e com isso eram discriminadas e até excluídas do convívio social (MENDES, 2008). Ao longo da história, este tratamento excludente passou a ser questionado, e movimentos mundiais em prol das pessoas com deficiência começaram a acontecer.

No Brasil, alguns movimentos já estão acontecendo para fomentar a inclusão social e acessibilidade das pessoas com deficiência, como é o caso da Lei de Acessibilidade, criada por meio do Decreto 5.296/2004 (BRASIL, 2004). Para melhorar este cenário e oportunizar melhorias na acessibilidade destas pessoas com deficiência visual severa, o governo federal brasileiro lançou no ano de 2011 o "Plano Viver sem Limites", que traz como uma de suas ações prioritárias, a implementação de cinco centros de treinamento e formação de treinadores e instrutores de cães-guia, um em cada região do país.

O Centro de Treinamento para cães-guias, vem para sensibilizar com a situação deficiente visual, e passar a incluir sem discriminação na sociedade, que sirva de um resgate social permitindo mais liberdade e desempenho nas suas atividades.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 RELAÇÕES HOMEM – ANIMAL

A relação entre o homem e os animais domésticos existe a milhares de anos, mas com o passar do tempo essa interação veio mudando, principalmente nos laços afetivos e no comportamento de apego, que é essencial para a sobrevivência.

Segundo Tatibana e Costa-Val (2009, p.13):

“Cães e gatos estão assumindo grande importância na manutenção da saúde mental e até mesmo física das pessoas, visto que o rápido desenvolvimento da civilização moderna tende a isolar os seres humanos uns dos outros, e às vezes, o animal é o único fator constante no ambiente humano, ajudando a manter o equilíbrio emocional.”

Ainda, destacamos que devido à mudança do homem que passou a viver em habitações permanentes o cão começou a sofrer mudanças naturais, como consequência sua forma começou a mudar. Para Floge (2006, p.21), “O corpo e a cavidade cerebral menor, e dentes mais compactos, nos proporcionam a primeira grande evidência fóssil do cão moderno. Após muitas gerações de cruzamento seletivo, uma diversidade de raças começou a evoluir.”

O cão associou-se ao homem há mais tempo que qualquer outro animal. A evidência arqueológica mais antiga dessa amizade, uma mulher enterrada junto de seu cão foi encontrada em Israel, data de 12.000 anos atrás (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009). Mas sabe-se que essa domesticação se iniciou bem antes, há mais de 100.000 anos, quando os ancestrais do homem começaram a dar abrigo aos filhotes de lobos que rondavam seus acampamentos. A relação, a princípio, era de caráter utilitário, ou seja, o cão ajudava na caça e na proteção, em troca de comida (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

No passado, muitos cães podem ter sido semelhantes em aparência ao que são agora, mas não eram ainda classificados como raça específica. Nesse particular, a mudança mais significativa ocorreu em data muito recente. Quando as exposições de cães se tornaram moda, no fim do século XIX, surgiu a necessidade de critérios específicos de comparação e julgamento.

Na ótica de Alderton (1994, p. 6), "o aparecimento de padrões definidos para certas raças e dos chamados protocolos de origem, para registro de pedigrees etc." O cão há anos vem tendo um papel muito importante na sociedade tais como animal de companhia, de caça, de guarda, de pastoreio ou de tração. Nos tempos atuais novas funções como a de cão-guia, de serviço, de polícia, de detecção de explosivos, de salvamento de pessoas perdidas, sob escombros, em avalanches ou noutras catástrofes naturais ou provocadas pelo Homem (CARMO; FONSECA, ROSA 2014).

Os cães de trabalho têm características em comum, tais como serem sociáveis, adaptáveis, treináveis, autoconfiantes, corajosos, resistentes e confiantes na abordagem de pessoas e ambientes que lhes são estranhos muitas raças demonstram capacidade para ter comportamentos cooperativos complexos com o ser humano, sendo úteis na assistência de pessoas com as mais variadas incapacidades (CLERICE, 2009).

Entidades treinam os cães para abrir portas, pegar e levar objetos, ascender e apagar luzes, abrir geladeiras, pegar e atender ao telefone, entre outras atividades. "As pessoas podem se utilizarem dos animais também para ajudar no equilíbrio, esses cães são adestrados e muito utilizados com pacientes possuem o mal de parkinsoniano." Dotti (2005 apud CLERICE, 2009).

Uma das funções mais conhecidas dos cães é a de guia para deficientes visuais, pois são ótimos amigos e trabalhadores, mas isso exige um acompanhamento de muitos anos para atender todas as necessidades das pessoas deficientes visuais. A pessoa tem deficiência visual geralmente depende de outras pessoas e esses transtornos geram estresse e a pessoa tende a se fechar em si. Com isso o apoio social e diário dado por um cão guia indica que as pessoas cegas preferem o animal na maioria das situações,

pois além dos benefícios que o cão guia pode trazer, essas pessoas se tornam mais independentes (Dotti, 2005 apud CLERICE, 2009).

São animais treinados para ajudar no resgate de pessoas ou mesmo de outros animais. Também trabalham na busca de acidentes e no desaparecimento de pessoas (Dotti, 2005 apud CLERICE, 2009).

São treinados para as pessoas que tem surdez parcial ou total. O cão em casa deverá acordar seu proprietário quando o alarme toca ou levar o telefone para ele, atender a porta, etc. (Dotti, 2005 apud CLERICE, 2009).

2.2 CÃES - GUIA NO MUNDO

A história dos cães-guias no mundo é secular, desde a idade média, uma chapa de madeira sobrevive mostrando um cão que conduz um homem cego com uma coleira. A primeira tentativa em treinar um cão para guiar um cego ocorreu em meados de 1780 no hospital para cegos em Paris (BRANDALIZE, 2009). Em 1819, Joham Wilhem Klein que era fundador do Instituto para a Educação dos Cegos em Viena na Áustria, criou o conceito de cão-guia ao mencionar no seu livro sobre educação de pessoas cegas, porém não existe nenhum tipo de registro de suas experiências terem sido executadas na prática (BRANDALIZE, 2009). Apenas em 1847 que um cego suíço Jakob Birrer divulgou sua experiência pessoal ao ser guiado por um cão que ele mesmo treinou durante cinco anos (BRANDALIZE, 2009).

Com o passar do tempo na modernidade a história dos cães-guias começou durante a 1ª Guerra Mundial, após os soldados voltarem cegos das batalhas devido um gás venenoso. A ideia partiu de um médico alemão que teve a ideia de treinar vários cães para ajudar esses soldados.

Finalmente a primeira escola de cão-guia surgiu no mundo em agosto de 1916, que teve a sede na cidade de Oldenburg na Alemanha, possuindo filiais em várias outras cidades do país que educavam cerca de 600 cães por ano (BRANDALIZE, 2009).

Contudo esse trajeto também ficou marcado por uma milionária americana chamada *Dorothy Harrison Eustis*, que treinava na Suíça Cães-guias.

Através de sua determinação foi lançado internacionalmente o movimento de cães-guias para deficientes visuais. Ela se tornou referência no assunto, abrindo suas próprias escolas, e foi através do seu trabalho que surgiu a tradicional *Guide Dogs for the Blind Association*. Com essa iniciativa surgiram várias escolas que se espalharam no mundo, assim milhares de deficientes visuais tiveram suas vidas transformadas para melhor, pela organização e processo de educação até a entrega do animal para o portador. (BRANDALIZE, 2009).

2.3 CÃES – GUIA NO BRASIL

A Escola Helen Keller, deu seus primeiros passos em 1993, em Florianópolis, com ajuda da Federação Internacional de cães-Guias, (Londres), a Escola Helen Keller conseguiu que uma escola associada a essa Federação, a *New Zealand Foundation for the Blind*, aceitasse treinar o primeiro brasileiro para que o sonho de ter escola de cães-guias no Brasil se tornasse realidade (BRANDALIZE, 2009).

No ano de 2000, teve devidamente registrados seus estatutos e demais documentos constitutivos que os regem até hoje (BRANDALIZE, 2009). Mas em 2009 o projeto tornou-se realidade devido a uma iniciativa de um morador de Balneário Camboriú, João Nirto, que começou a busca por uma questão individual, seu filho Elias Figue Diel, perdeu a visão aos 16 anos em um acidente de carro, deixando cego (BRANDALIZE, 2009).

O primeiro passo foi procurar um treinador de cães apto para abraçar a causa, foi possível graças a instrutor Fabiano Pereira, que ficou 14 meses estudando na Austrália, voltou para Balneário Camboriú (SC) junto com a cachorra Winter para dar continuação ao projeto da Escola de cão-guia.

Na atualidade, vê-se deficientes visuais com cães-guias em todas as regiões do Brasil, ainda percebemos a presença de alguns animais usados como auxílio da mobilidade dos portadores de necessidades visuais. Os cães são preparados em escolas gratuitamente, muitas delas existem fora do país, um exemplo disso é os Estados Unidos, pois o espírito filantrópico do povo Americano já é bem conhecido (LEMOS et al., 2008).

Os países que são referências neste tipo de trabalho são a Espanha, Itália, Canadá, Estados Unidos e Alemanha. Além do elevado custo de aquisição dos animais estrangeiros, a pessoa interessada ainda necessita permanecer algumas semanas no exterior acompanhando o processo (LEMOS et al., 2008).

No Brasil, existem várias entidades, de um modo geral, sempre exigem alguns requisitos básicos para que um deficiente visual possa ter um cão-guia gratuitamente, através da lei n. 11.126 (BRASIL, 2005) ao ligar para uma entidade solicitando seu animal, uma série de questionários será remetida para o solicitante que será preenchido por vários profissionais ligados à área de saúde, tais como: Clínico Geral, Oftalmologista, Psicólogo e por uma pessoa ligada a alguma instituição que trabalhe com deficientes visuais, pessoas estas que possam atestar que o deficiente visual que hora solicita seu cão-guia possui condições físicas, mentais e econômicas de manter e cuidar adequadamente do animal solicitado (LEMOS et al., 2008).

Os Estados Unidos, treinam e fornecem cães-guias, mas para que o deficiente visual possa entrar no programa de obtenção de um cão-guia é preciso que estejam legalmente cegos, possuam boa saúde física e mental, tenha pelo menos cursado ou estar cursando uma escola secundária (não há idade mínima nem máxima para obtenção do animal), seja capaz de prover alojamento adequado e querer o cachorro para propósitos de mobilidade, os cães que vem do exterior são uma fortuna, além de ter os comandos todos em inglês, e a pessoa interessada ainda necessita permanecer algumas semanas no exterior acompanhando processo (LEMOS et al., 2008).

Formada no Brasil foi a Zahra a primeira cão-guia que pertence a Daisy, o curso experimental foi em Santa Cruz do Sul, orientada por Guilherme Posser. O fator que contribui para a criação do curso genuinamente brasileiro foi à péssima infraestrutura pública, pois quando os animais estrangeiros chegavam tinham medo de sair às ruas, pois eles levavam apenas onde acreditavam ser seguro, pois as calçadas eram horríveis e eles empacavam e não iam adiante, Em abril foi fundada a Luz dos Olhos, que não possuíam sede, as primeiras aulas eram realizadas em um terreno cedido pela cidade de Viamão e as aulas teóricas eram ministradas em salas cedidas por empresas e outras entidades (LEMOS et al., 2008).

2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O artigo buscou-se referências o histórico da cidade para a implantação do projeto, por ser uma cidade que está em constante crescimento, e atenderá a região oeste e algumas cidades do Rio grande do Sul, tem o principal objetivo abrangência regional.

Bases para desenvolvimento do artigo referencial teóricos em livros, e revistas eletrônicas, e estudos de casos de canis, centro de formação de treinadores e instrutores de cães-guias, localizado em Camboriú (SC), onde é o primeiro centro de treinamento para cães-guias no Brasil. Além de um estudo *in loco*, que foi feito em Camboriú (SC), pode-se entender a importância de Cães-guias, analisando os fluxos e o funcionamento, baseando nisso para fazer o anteprojeto para a cidade de Chapecó (SC).

Analisamos as condicionantes climáticas, a topografia e o entorno e a localização do mesmo, por ser na área central e tranquila ótima para animais, pois precisam de lugares calmos.

O artigo vem para demonstrar à importância de cães-guias devido a baixo número de cães atuantes no Brasil, e com implantação da edificação ajudará a formar cães-guias, instrutores e treinadores, aumentando assim o número de cães-guias.

2.5 PROPOSTA DE ARQUITETURA DO CENTRO DE TREINAMENTO

O tema escolhido vem para suprir a necessidade de um centro de treinamento para cães-guias, devido à falta de cães atuantes na região. O estudo foi baseado no centro de treinamento de Camboriú (SC).

Ao longo do desenvolvimento do anteprojeto de arquitetura, a principal dificuldade foi à necessidade do aumento do programa de necessidades no bloco da clínica veterinária, pois é projeto hospitalar e o fluxo deve estar muito bem funcional, a área esterilizada não pode estar em contato com a área não esterilizada, baseando sem na norma hospitalar e na ANVISA. Podemos verificar o partido arquitetônico nas Figura 01, Figura 02 e Figura 03.

Os blocos possibilitam maior funcionalidade, aproveitando as condicionantes do terreno, permitindo uma boa vista da vegetação que o envolve, por isso paredes inclinadas e arredondadas que representam uma forma abstrata o olho. Também serão usados na composição materiais e técnicas, dispostos conforme a necessidades dos espaços e das disposições dos blocos, usufruindo de máscaras vazadas em formas circulares na composição das fachadas que darão a alusão à anatomia do olho, como córnea e a pupila que são as partes mais importantes da visão, e as mesmas possuem formas circulares. O resultado do centro de treinamento pode ser observado na Figura 04.

O centro de treinamento em estudo buscou-se uma valorização arquitetônica inicial do partido tem origem dos eixos visuais tanto do homem quanto do cão, que serão demarcados no chão, através da diferenciação de piso, estes que conduziram o indivíduo até os blocos.

3 CONCLUSÃO

Percebe-se que todas as informações levantadas sobre o tema serão fundamentais para a elaboração do anteprojeto do Centro Treinamento para cães-Guias em Chapecó (SC). Pretende-se criar espaços adequados para todas as atividades exercidas, priorizando sempre, à interação entre os espaços físicos com a natureza, tornando toda a estrutura mais agradável para os frequentadores e visitantes.

Todo o conhecimento adquirido durante a elaboração da pesquisa apresentada no corpo deste trabalho será de extrema importância, somadas aos estudos de caso e referencial teórico, induzindo a diretrizes projetuais fundamentais para o desenvolvimento do tema proposto.

Um centro de treinamento para cidade de Chapecó (SC) funcionará como instrumento capaz de sanar a espera de cão-guia para deficientes visuais, e proporcionar para os mesmos uma forma de liberdade, limitada pela falta de acessibilidade em locais públicos. O cão garante mais autonomia e segurança para cego facilitando assim a socialização com outras pessoas. O centro beneficiará a comunidade local e toda a região. O conhecimento necessário sobre o tema possibilitará o desenvolvimento para estrutura proposta e para etapas do projeto.

REFERÊNCIAS

RALDERTON, David. Cães: um guia ilustrado com mais de 300 raças de cães de todo mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994. 304 p.

BRANDALIZE, Everton de Souza. Publicação Institucional Escola de Cães-guias Helen Keller.2009.85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2009.

CARMO, Sofia A.P do. Caracterização dos cães de assistência (cães-guia, cães para surdos e cães de serviço) em Portugal. Revista Portuguesa de Ciência Veterinária, Lisboa: CIISA Faculdade de Medicina Veterinária, p. 4350, ano 2014.

CLERICI, Lisandra Garcia Waswtowski. Zooterapia em cães: um estudo bibliográfico. 2009. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)- Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2009.

FOLGE, Bruce. Cães: Dr Bruce Folge. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, 343 p.

LEMONS, Euclides Antônio Moreno et al. Cão Guia. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2008. Disponível em:< www.ebah.com.br/artigocao-guia/>. Acesso em 05 jun.2015.

MENDES, Bruna de Castro. Turismo e Inclusão Social para Cadeirantes. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2008. Disponível em: Acesso em: 05 jun. 2015.

MEUS olhos têm quatro patas. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://caoguia.blogspot.com.br/>>. Acesso em 05 jun.2015.

TATIBANA, Sayuri Lilian; COSTA-VAL, Adriane Pimenta Da. Relação homemanimal de companhia e o papel do médico veterinário. Revista Veterinária e Zootecnia em Minas, Minas, v.28, n. 1,p. 12-18, Out/Nov/Dez 2009.

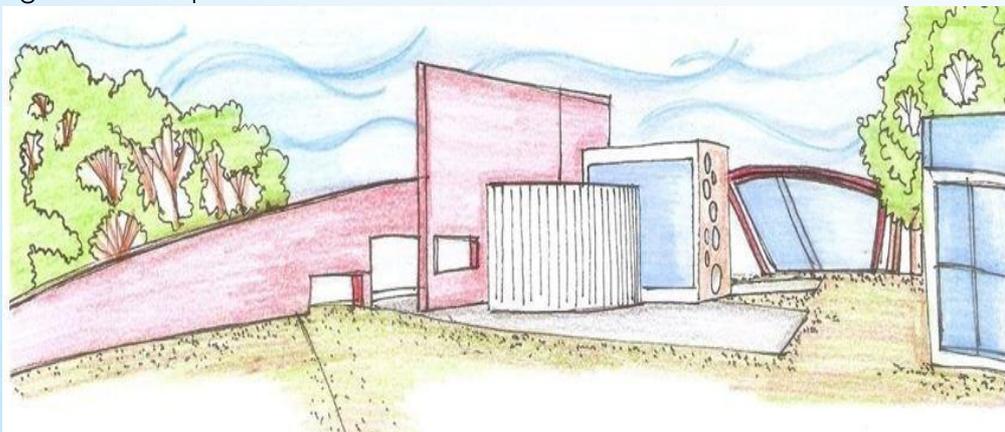
Sobre o(s) autor(es)

Arquiteta e Urbanista formada pela Unoesc, natii.baioco@hotmail.com

Engenharia Civil, Especialista, Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil Unoesc, eng.erliandretta@gmail.com

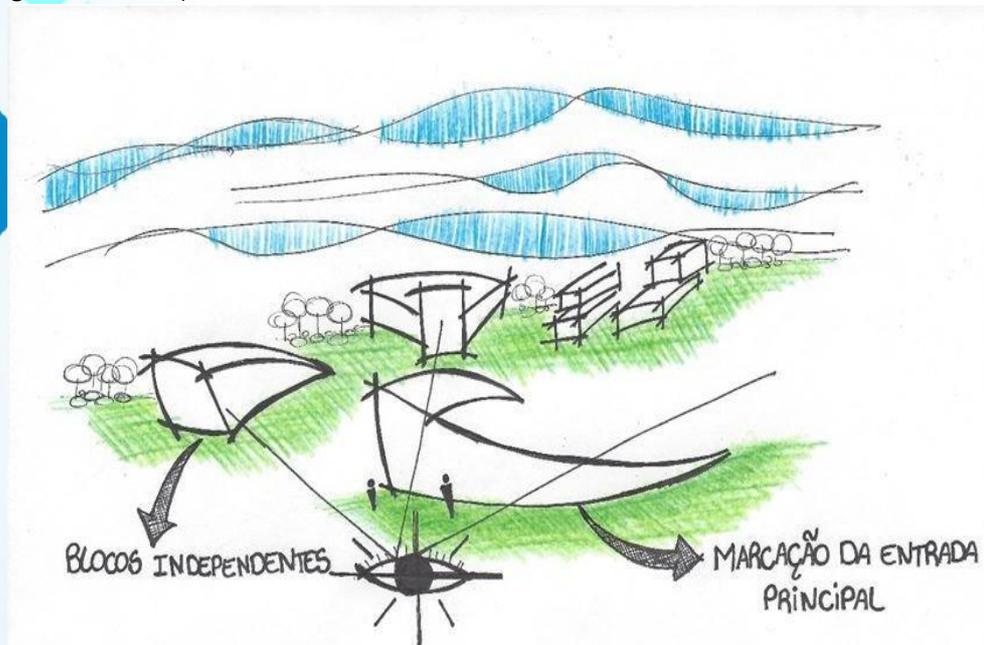
Arquiteto e Urbanista, Especialista, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo Unoesc, anderson.ferreira@unoesc.edu.br

Figura 01: Croqui do Partido



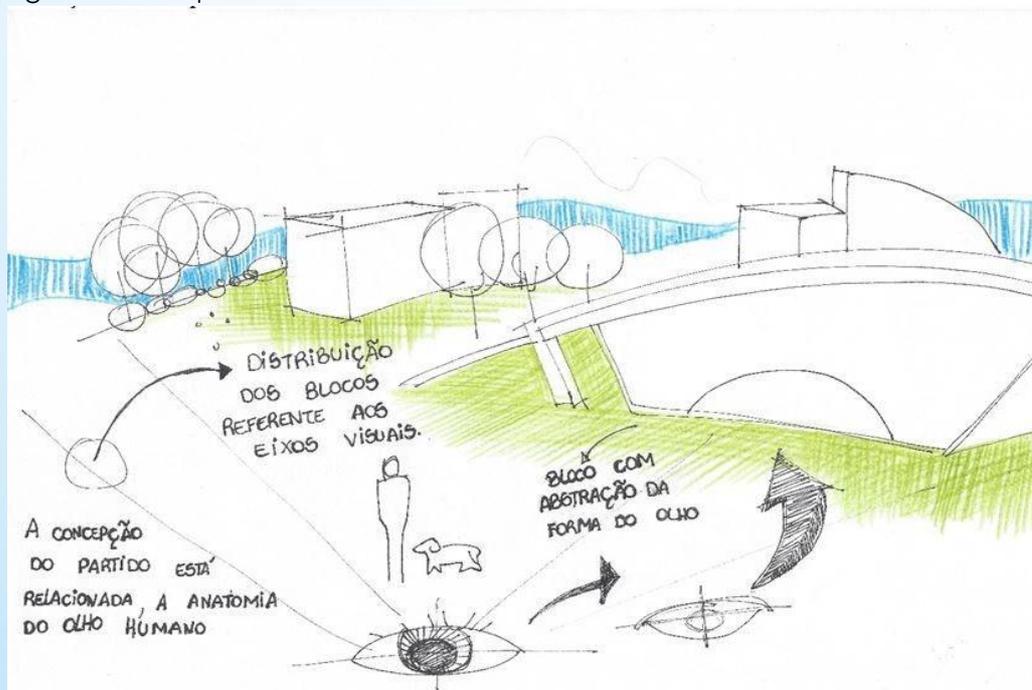
Fonte: Rocha (2015).

Figura 02: Croqui do Partido



Fonte: Rocha (2015).

Figura 03: Croqui do Partido



Fonte: Rocha (2015).

Figura 04: Croqui do Partido



Fonte: Rocha (2015).